

# 1

St. Botolphs era uma terra antiga, uma velha vila fluvial. Havia sido um porto interior, nos belos tempos dos veleiros do Massachusetts, mas estava actualmente reduzida a uma fábrica de baixela de prata e alguma pequena indústria. Os autóctones não achavam que a vila tivesse diminuído muito em tamanho ou importância, mas a longa lista de mortos locais na Guerra Civil, afixada no canhão da praça principal, era um recordatório de quão populoso o local havia sido na década de 1860. St. Botolphs jamais voltaria a poder alistar tantos soldados. A praça era sombreada por alguns olmos de grande porte e fechada por um quadrilátero de lojas. O edifício Cartwright, que constituía a parede oeste da praça, exibia à altura do segundo andar uma fiada de janelas góticas, tão delicadas e admoestadoras como vitrais de igreja. Por detrás dessas janelas ficavam os escritórios do *Eastern Star*, da companhia dos telefones e do agente de seguros, além do consultório do Dr. Bulstrode, o dentista. Os cheiros desses escritórios — o cheiro das soluções dentífricas, dos soalhos encaixados, dos escarradores e do gás de iluminação — fundiam-se no átrio do edifício, transmitindo um odor de outros tempos. Por entre uma chuvada de Outono, num mundo de enormes mudanças, a praça de St. Botolphs dava uma rara sensação de permanência. No Dia da Independência, de manhã, quando o cortejo se começava a formar, a vila tinha um ar próspero e festivo.

Os dois rapazes Wapshot — Moses e Coverly — estavam sentados num relvado de Water Street a observar a chegada dos carros alegóricos. O cortejo misturava livremente temas religiosos e comerciais, e junto ao «Espírito de '76» via-se uma velha carrinha de transporte com um letreiro: COMPRE O SEU PEIXE AO SR. HIRAM. As rodas da carrinha, as de todos os veículos naquele cortejo, estavam enfeitadas com decorações de papel crepe vermelho, branco e azul, e viam-se estandartes de pano por toda a

parte. A fachada do edifício Cartwright estava toda engrinaldada de estandartes. Pendiam da fachada do banco e flutuavam em todas as carroças e camiões.

Os dois Wapshots estavam a pé desde as quatro da manhã; tinham sono e, sentados ao sol, pareciam chegados duma noitada. Moses queimara uma das mãos numa salva de artilharia. Coverly perdera as sobranças noutra explosão. Viviam numa quinta a três quilómetros da vila e tinham subido de canoa o rio antes da alvorada, a uma hora em que o ar nocturno fazia com que parecesse mais quente a água que escorria pelas suas mãos ao remarem. Tinham forçado uma janela da Igreja de Cristo, como sempre faziam, e puxado pela corda do sino, acordando uma infinidade de aves canoras, muitos dos habitantes e todos os cães da vila, incluindo o sabujo dos Pluzinskis, a quilómetros de Hill Street. Moses ouviu, vinda detrás de uma das janelas escuras do presbitério, uma voz a dizer, «São só os filhos dos Wapshots. Volta prá cama». Coverly tinha na altura dezasseis ou dezassete anos, era louro como o irmão, mas de pescoço comprido, com uma inclinação sacerdotal na cabeça e o mau hábito de estalar os dedos. Tinha um espírito vivo e sentimental, preocupava-se com o estado de saúde do cavalo que puxava a carroça do Sr. Hiram e encarava com tristeza os pensionistas do Lar do Marinheiro — quinze ou vinte idosos que desfilavam sentados numa carroça e pareciam excessivamente exaustos. Moses estudava no liceu, e no último ano atingira o auge da sua maturidade física, desenvolvendo então o dom de uma tranquila e judiciosa admiração por si próprio. Agora, às dez da manhã, os dois irmãos estavam sentados no relvado, à espera que a sua mãe subisse para o carro do Clube Feminino.

A Sra. Wapshot havia fundado o Clube Feminino de St. Botolphs, um acontecimento que todos os anos era comemorado no cortejo. Coverly não se lembrava de nenhum 4 de Julho em que a mãe não desfilasse no seu papel de fundadora do Clube. O carro era simples. Um tapete oriental era estendido sobre o piso duma carroça ou dum vagão. As seis ou sete senhoras da direcção do Clube desfilavam sentadas em cadeiras desdobráveis, viradas para as traseiras do carro. A Sra. Wapshot desfilava de pé, atrás de um púlpito, de chapéu na cabeça, bebericando de quando em quando um gole de água e sorrindo melancolicamente aos membros da direcção ou a alguma velha amiga na assistência. Erguida assim por sobre as cabeças da multidão, algo sacudida pelos movimentos do veículo, como aquelas imagens religiosas que a norte de Boston são passeadas pelas ruas a fim de acalmar uma tempestade no mar, a Sra. Wapshot desfilava todos os anos diante dos seus amigos e conterrâneos, e era justo

que assim fosse, pois ninguém na vila contribuirá mais do que ela para a ilustração da comunidade. Fora ela quem organizara uma comissão angariadora de fundos para a nova casa paroquial da Igreja de Cristo. Fora ela quem angariara fundos para a gamela dos cavalos, em granito, e quem mais tarde, quando esta se tornou obsoleta, a converteu num canteiro de petúnias e gerânios. O novo liceu na colina, o novo quartel dos bombeiros, os novos semáforos, o memorial da Guerra — sim, sim — mesmo as asseadas casas de banho públicas da estação, junto ao rio, eram obra do génio da Sra. Wapshot. Ela não podia deixar de se sentir contente ao atravessar a praça.

O Sr. Wapshot — o capitão Leander — não estava na vila. Estava ao leme do *S. S. Topaze*, conduzindo-o rio abaixo até à baía. Todas as manhãs de Verão, se o tempo estivesse bom, o Sr. Wapshot saía com a sua lancha, parando em Travertine para se cruzar com o comboio de Boston e atravessando depois a baía até Nangasakit, onde havia uma praia de areia branca e um parque de diversões. Leander fizera muita coisa na vida; fora sócio da fábrica de baixelas de prata e herdara bens de familiares, mas sem que alguma vez se tivesse prendido a nada. Até que a prima Honora se lembrara, havia três anos, de o converter em capitão do *Topaze*, numa tentativa de o manter afastado de tropelias. Ele deu-se bem com o trabalho. Era como se o *Topaze* fosse criação sua; o barco parecia reflectir o seu gosto por aventuras e disparates, o seu amor pelas raparigas ribeirinhas e pelos longos e divertidos dias de Verão, saturados de aromas salinos. O barco tinha uma linha de flutuação de dezoito metros, um velho motor Harley com uma única hélice e espaço, na cabina e na coberta, para quarenta passageiros. Era um xaveco de água doce que se movia — dizia o capitão Leander para si mesmo — a passo de lesma, cujo convés se enchia de jovens estudantes, prostitutas, freiras e turistas, deixando atrás de si uma esteira de cascas de ovos cozidos e invólucros de sandes, e que estremecia tão violentamente a cada mudança de velocidade que a tinta do casco se desprendia. Mas a viagem parecia a Leander, no seu posto ao leme, algo de triste e glorioso. As madeiras da velha embarcação pareciam unidas pelo brilho e fugacidade do Verão, e todo o barco cheirava a resíduos estivais — sapatilhas, toalhas e fatos de banho, a que se juntava o odor barato a madeira dos balneários. Baía abaixo, o barco sulcava as águas, que às vezes assumiam a cor de um olho violeta, atraído pela música de carrossel que os ventos de terra traziam ao convés, donde se avistava ao longe a praia de Nangasakit — o torvelinho de absurdas cavalgadas, lanternas de papel, comida frita e música no ar, enchendo de tão frágil confusão o Atlântico que as suas

águas pareciam os destroços de um naufrágio, estrelas-do-mar e cascas de laranja trazidas pelas ondas. «Ata-me ao mastro, Perimedes», costumava gritar o capitão Leander ao avistar o carrossel. Não se importava de perder o desfile da sua mulher no cortejo.

A saída do cortejo sofreu alguns atrasos nessa manhã. Relacionados, aparentemente, com o carro do Clube Feminino. Uma das senhoras da direcção subiu a rua para perguntar a Moses e Coverly se sabiam onde a sua mãe estava. Eles disseram que tinham saído de casa de madrugada. Quando já começavam a ficar preocupados, a Sra. Wapshot apareceu subitamente à porta da farmácia Moody e ocupou o seu lugar no carro alegórico. O Mestre-de-Cerimónias soprou o seu apito, o tamborileiro, de cabeça enrolada numa ligadura ensanguentada, marcou o compasso e os pífaros e tambores começaram a soar, fazendo com que uma dúzia de pombas saíssem disparadas do telhado do edifício Cartwright. Um leve vento soprava do rio, trazendo até à praça um negro e áspero odor a lodo. O cortejo recolheu os seus elementos dispersos e pôs-se em marcha.

Os bombeiros tinham estado a pé até à meia-noite, ocupados a lavar e polir o material da Corporação de Bombeiros Niagara. Pareciam orgulhosos do seu trabalho, mas dir-se-ia que tinham combinado entre si apresentarem um ar sério. Ao carro dos bombeiros seguia-se o velho Sr. Starbuck, sentado num veículo aberto e luzindo o uniforme do Grand Army of the Republic, embora fosse comumente sabido que ele não participara na Guerra Civil. A seguir vinha o carro da Sociedade de História, no qual uma descendente directa — e certificada — de Priscilla Alden transpirava sob uma pesada peruca. Era seguida por um camião de alegres raparigas da fábrica de baixelas de prata, que lançavam cupões sobre a multidão. Depois vinha a Sra. Wapshot, de pé no seu púlpito, uma mulher de quarenta anos, cuja formosa pele e delicados traços se podiam contar entre os seus dons organizacionais. Era bonita, mas quando bebericava do seu copo, atrás do púlpito, a Sra. Wapshot sorria tristemente, como se a água amargasse, pois, apesar do seu zelo cívico, havia nela um extraordinário gosto pela melancolia — pelo odor a cascas de laranja ou a fumo de lenha. Era mais admirada entre as mulheres do que entre os homens, e é provável que a essência da sua beleza tivesse origem no desgosto (Leander tinha-a desiludido), mas ela opusera à infidelidade do marido todos os recursos do seu sexo e fora recompensada com um tal ar de nobreza ultrajada e resplandecente visão, que alguns dos seus defensores suspiravam à sua passagem pela praça como se vissem no seu rosto uma vida a extinguir-se.

Então, algum estroina — por certo um dos forasteiros que viviam do outro lado do rio — fez rebentar um petardo sob os quadris da velha égua

do Sr. Pincher, que saiu a correr disparada. Ao evocarem o incidente, muito tempo depois, as pessoas de St. Botolphs mencionariam os seus aspectos afortunados. Diriam quão providencial havia sido que nenhuma das mulheres e crianças alinhadas ao longo do trajecto tivesse sido atropelada. O cortejo estava a poucos metros do cruzamento de Hill Street com Water Street e o animal disparou nessa direcção com o velho Sr. Pincher a gritar *uou, uou*. As pessoas que encabeçavam o desfile estavam de costas para o incidente, e embora ouvissem os gritos de pânico e o ruído dos cascos, não se aperceberam da magnitude do desastre, pelo que os pífaros continuavam a soar. O Sr. Starbuck continuou a acenar com a cabeça para a assistência e as raparigas da fábrica de baixelas continuaram a lançar cupões sobre a multidão. À medida que a sua carroça subia Hill Street, via-se o púlpito da Sra. Wapshot a oscilar, e com ele o jarro e o copo com água; mas nenhuma das senhoras do Clube Feminino se acobardou ou se comportou de forma tonta — firmaram-se em qualquer parte fixa da carroça e encomendaram-se a Deus. Hill Street era, nesse tempo, uma estrada de terra batida e, estando um Verão muito seco, os cascos da égua levantavam tamanhas colunas de poeira que em poucos minutos a carroça deixou de se ver.